

## ENTRE LITERATURA E POLÍTICA: A FUNÇÃO SOCIAL DO ESCRITOR LATINO-AMERICANO NA DÉCADA DE 1960.

Felipe de Paula Góis Vieira, [felipepgv@yahoo.com.br](mailto:felipepgv@yahoo.com.br)<sup>1</sup>

### *A década de 1960: entre a revolução cubana e o real maravilhoso*<sup>2</sup>

Segundo Waldo Ansaldi e Patricia Funes (ANSALDI & FUNES: 2008, p. 13), o século XX apresenta duas décadas inequivocadamente diferenciadas: a de 1920 e a de 1960. Ambas correspondem, na visão dos autores, a tempos de transgressão, inovação, crítica, compromisso, transformações e expectativas. Compartilham a desilusão com as democracias liberais e o gosto e admiração pelas pernas femininas, que nos anos vinte se deixam ver através de vestidos curtos e nos anos sessenta se ampliam com as minissaias. Há também a paixão pelos bailes freneticamente movidos, seja pelo *charleston*, em um caso, seja pelo *rock and-roll*, “o idioma universal da cultura jovem”, como bem o chama Eric Hobsbawm, em outro. Embora o texto escrito pelos autores centre-se na comparação entre as duas décadas e os seus possíveis pontos de contato, interessa-nos, por hora, pensar os anos sessenta.

Para Ansaldi e Funes, é importante que se entenda que a década é marcada por um intenso diálogo travado entre os intelectuais do continente. Literatura, política, revolução, ciências sociais e identidade parecem compor os temas sobre os quais se debruça o universo letrado latino-americano. Isso leva, na perspectiva dos autores, à consideração de que os anos 1960 apresentam, na América Latina, uma singular percepção de estar vivendo *uma hora americana* (ANSALDI & FUNES: 2008, p. 21).

---

<sup>1</sup> Mestrando em História Cultural pelo Departamento de História do IFCH/UNICAMP. Pesquisa desenvolvida com financiamento de bolsa FAPESP.

<sup>2</sup> Optei por trabalhar com um bloco temporal que se inaugura com o triunfo da Revolução Cubana e se encerra com o começo das ditaduras que se sucederam a partir do golpe militar no Chile em 11 de setembro de 1973. Claudia Gilman, no livro *Entre la pluma y el fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*, assinala que as divisões temporais fechadas na idéia de décadas não dão conta da continuidade existente entre os períodos assinalados. Para a autora, este lapso de tempo tem um conteúdo histórico próprio e limites mais ou menos precisos que o definem com uma entidade temporal e conceitual por direito próprio. Esses anos (1959-1973) encontram, segundo a autora, uma mesma estrutura de sentimentos, desencadeada pelas transformações radicais na política, nas instituições, na arte e na subjetividade, gerando a convicção em escritores e artistas de estar sendo chamados a desempenhar um papel nesse processo que tinha como locomotiva os países que passaram a se auto-denominar *Terceiro Mundo*. IN: GILMAN, Claudia. Op. Cit., Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

Esse espaço de diálogo criado no continente deve muito à Revolução Cubana. Ela é, no plano político, o grande elemento distintivo dos anos sessenta latino-americano. Como salienta Silvia Cezar Miskulin (MISKULIN: 1998, p. 1), com a revolução, iniciaram-se em Cuba transformações em todos os âmbitos da sociedade, inclusive no campo cultural. Com a queda do ditador Fulgencio Batista, em 1959, três gerações de intelectuais aplaudiram a vitória do Exército Rebelde e ofereceram seus serviços ao jovem governo revolucionário.

Como nos lembra Adriane Vidal Costa, do início da Revolução até o final da década de 1970, foram realizados inúmeros congressos, simpósios e assembleias em Cuba, com a participação de quase toda a esquerda intelectual latino-americana. Ainda segundo a autora (COSTA: 2008, p. 297), Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez fizeram suas peregrinações a Havana para participar de tais eventos e trabalhar por Cuba em algum meio. Outros escritores passaram a viver na ilha, como foi o caso do uruguaio Mario Benedetti, do haitiano René Depestre, do salvadorenho Roque Dalton, do peruano Javier Heraud e do chileno Enrique Lihn (GILMAN: 2003, p. 113). Dessa forma, a Revolução Cubana, como mostra Jorge G. Castañeda (CASTAÑEDA: 1994, p. 158-159), chegou a simbolizar a unidade, a força e o apogeu da esquerda intelectual latino-americana. Cada intelectual “teve sua própria Cuba particular, adaptada a suas preferências e prioridades”. De uma forma geral, o triunfo da revolução criou um campo comum de debates e intercâmbios entre os escritores da América Latina.

É interessante pensar que estes também foram os anos de produção do *boom* da nova narrativa hispano-americana. Esse notável fenômeno que percorre toda a geografia da região e torna célebres autores e títulos que exaltam o realismo mágico que a caracteriza, do qual *Cien años de soledad*, 1967, do colombiano Gabriel García Márquez, provavelmente seja, dentro de uma vasta produção de um bom número de romancistas, a obra paradigmática.

Portanto, revolução, realismo mágico, ciências sociais, literatura e política constituem o emaranhado dos anos sessenta. O entrelaçamento destas perspectivas põe no centro do debate e da tomada de posições uma questão nada nova, o papel dos intelectuais.

Como salienta Claudia Gilman (GILMAN: 2003), na década de 1960 o literato latino-americano converteu-se em intelectual. A modernização estética da literatura se estendia a um programa de marco estético-ideológico: tratava-se em síntese de produzir uma nova literatura em um novo mundo. Os intelectuais tinham a certeza de que seu discurso era significativo para a sociedade. Pesava sobre eles um chamado que os fazia representantes da humanidade, atores fundamentais na transformação da sociedade. No exercício de vontade de formar parte de um processo inevitável de transformação revolucionária ocuparam um lugar (talvez, imaginário) inovador por sua importância. Sentiam-se chamados a pôr em seus discursos as idéias-chave da facção opositora ao sistema. Através da luta ideológica contribuíram para um suposto despertar da consciência latino-americana.

Por isso, a intenção desta comunicação é entender em que medida, política e literatura, revolução e *boom* literário se encontram entrelaçados sob a perspectiva de pensar os rumos futuros do continente latino-americano, assim como a significação da América diante do mundo ocidental, notadamente europeu e norte-americano.

### **Revolução e Literatura: Cuba e os representantes do *boom* latino-americano.**

Como nos lembra Marcelo Gonzalez Brasil Fagundes (FAGUNDES: 2006, p. 2), o período que compreende a década de 1960 e o início dos anos 70 marca uma época onde a relevância da temática revolucionária aflora das mais diversas formas nas obras e na vida de muitos escritores latino-americanos. Esse argumento, desenvolvido desde o início, evidencia como alguns literatos, em especial os grandes expoentes do *boom* literário hispano-americano, adotaram a idéia da transformação social como programa norteador de suas ações e elegeram Cuba o centro a partir do qual desenvolveriam sua consciência política e identitária na América. Após o triunfo da revolução, a cidade de Havana se tornou o centro aglutinador desses escritores que possuíam a expectativa de desenvolver não só uma arte revolucionária, como também o diálogo entre a história e a identidade do continente latino-americano.

É interessante observar como, anos depois, ao lembrarem-se desses acontecimentos, muitos autores atribuiriam o sentido de *chamado* aos processos históricos que se desencadearam em Cuba a partir de 1959.

O escritor cubano Alejo Carpentier não se encontrava na ilha no momento em que os guerrilheiros entraram triunfantes na capital Havana. Ele vivia e trabalhava como jornalista em Caracas, na Venezuela. Entretanto, assim que soube da queda do ditador Fulgencio Batista, Carpentier se prontificou a retornar a Cuba. Em discurso pronunciado na Aula Magna da Universidade Central da Venezuela, em 15 de maio de 1975, no ato organizado em sua homenagem pela própria universidade, assim se refere o escritor ao episódio de retorno ao país natal:

Sei que alguns se surpreenderam quando, no início de 1959, estando tão feliz entre vocês, tão incorporado à vida venezuelana, tendo aprendido tanto sobre sua natureza, sua história, suas tradições tão profundamente latino-americanas, rompi bruscamente com essa trajetória de catorze anos, para voltar repentinamente a meu país... Mas havia vozes chamando por mim. Vozes que voltaram a erguer-se sobre a terra que as sepultara. Eram as vozes [...] que entregaram sua energia, sua experiência, seus conhecimentos, seu entusiasmo à grande obra revolucionária que vinha sendo gestada desde a histórica e transcendental jornada de 26 de julho de 1953, com a tomada do Quartel de Moncada, comandada por aquele que, meses mais tarde, interrogado sobre os motivos de sua ação, responderia simplesmente: “Fomos guiados pelo pensamento de José Martí”. Ouvi as vozes que voltaram a soar, devolvendo-me à minha adolescência, escutei novas vozes que agora soavam e entendi que era meu dever pôr minha energia, minha capacidade – se é que a tinha – a serviço da grande tarefa histórica latino-americana que estava levando adiante em meu país. (CARPENTIER: 2006, p. 162)

O que chama atenção nas palavras de Carpentier é o sentido atribuído à revolução. A data de 1959 é, para ele, um divisor de águas. Há uma espécie de chamado, uma convocação, a revelação de um destino prodigioso pelo qual se deve lutar. Nas décadas de sessenta e setenta, a revolução é a causa latino-americana por excelência e, a ela, todos os escritores devem entregar sua energia e experiência. Mais interessante ainda é observar que a revolução convoca a uma reflexão sobre o continente – não se trata de uma causa cubana, mas de um processo sentido por todos os latino-americanos. Assim, dizia o escritor:

É por isso que, na Cuba de hoje, ante a eloqüente imagem de um passado cristalizado em ação presente, em realidade atual e tangível, vemos intensificar-se enormemente não apenas o estudo da história pátria, mas também de todo o continente, convencidos que estamos de que nada do que é latino-americano pode ser indiferente a nós, e que as lutas, as conquistas, os dramas, as quedas e as vitórias das nações irmãs do continente são acontecimentos que nos concernem diretamente, provocando-nos alegria ou tristeza conforme se ofereçam ao mundo como motivo de regozijo ou de momentâneo desconsolo. (CARPENTIER: 2006, p. 162-163)

Segundo Fagundes, Carpentier exerceu uma série de cargos burocráticos dentro do regime de Fidel Castro. Em março de 1960, foi nomeado subdiretor da Direção de Cultura; em 1961, vice-presidente da União de Escritores e Artistas (UNEA); em 1962, vice-presidente do Conselho Nacional de Cultura; no ano seguinte foi nomeado diretor de publicações do Estado, que se converteria mais tarde no Instituto do Livro. Isto demonstra o papel de destaque exercido por Carpentier perante o regime e a sua relação com a política cultural cubana durante este período. No entanto, sua devoção à revolução não era única.

Segundo nos conta Gerald Martin (MARTIN: 2010, p. 311), biógrafo de Gabriel García Márquez, na noite do Ano-Novo de 1958, o escritor colombiano e sua esposa Mercedes estavam numa festa de *réveillon* na Venezuela. O casal já morava a alguns anos no país e quando voltaram para casa, às três horas da manhã, o elevador estava quebrado. Como ambos haviam bebido muito, sentaram-se para descansar em cada um dos andares que precisavam subir, até o sexto, onde moravam. Quando abriram a porta do apartamento, ouviram um pandemônio espocando pela cidade, pessoas gritando felizes, buzinas soando, sinos de igrejas sendo tocados e sirenes de fábricas apitando. Outra revolução na Venezuela? Eles não tinham rádio no apartamento e tiveram de descer correndo os seis lances de escada para descobrir o que estava acontecendo. A zeladora, uma portuguesa, dissera-lhes que não era Venezuela: Batista tinha caído em Cuba. Mais tarde, naquele dia, Gabo e Plinio Mendoza celebrariam a notícia juntos, com muitas cervejas geladas, na varanda do apartamento da família Mendoza em Bello Monte, enquanto os carros passeavam pelo sistema de viadutos de Caracas com buzinas soando alto e bandeiras cubanas presas às janelas. Nas duas semanas seguintes, os dois amigos acompanhariam todos os detalhes dos telegramas da imprensa nos respectivos escritórios.

No dia 18 de janeiro de 1959, enquanto García Márquez arrumava a mesa na *Venezuela Gráfica*, antes de ir para casa, um revolucionário cubano teria aparecido e lhe dissera que um avião estava esperando no aeroporto Maiquetía para levar jornalistas interessados à ilha, a fim de observar o julgamento público de criminosos de Batista, a chamada Operação Verdade. Ele gostaria de ir? Segundo Martin (MARTIN: 2010, p. 311-312), a decisão tinha de ser tomada na mesma hora, porque o avião partiria naquela noite e não havia tempo sequer de passar em casa. García Márquez teria ligado para

Plínio Mendoza e dito – “Ponha duas camisas numa mala e me encontre no aeroporto: Fidel nos convidou para ir a Cuba!” – e os dois partiram naquela mesma noite, García Márquez vestido como estava e sem passaporte, num bimotor capturado do exército de Batista que exalava “em cheiro repugnante e insuportável de urina”.

Para recontar essa época da vida do escritor colombiano, Gerald Martin faz uso de um artigo publicado pelo literato na revista *Casa de las Américas* em janeiro-fevereiro de 1977. O artigo intitulado “No se me ocurre ningún título”, escrito muitos anos depois dos acontecimentos de 1959, resgata essa primeira viagem de García Márquez a Cuba com o mesmo tom profético apresentado por Carpentier. Independente da veracidade daquilo que o autor narra sobre a própria vida, é interessante pensar como García Márquez atribui também a esse momento uma espécie de *chamado*: ele teve que deixar tudo imediatamente e, com a roupa do corpo, embarcar para Cuba. O tom picaresco da narrativa de García Márquez se contrapõe ao tom mais sóbrio de Carpentier. No entanto, ambos os autores encaram a revolução como uma causa imediata, um dever, uma convocação à qual prontamente atendem. Em ambos os casos, essa causa se torna *latino-americana* e não simplesmente cubana.

A revolução é descrita, na maior parte das vezes, como a única saída possível ao intelectual latino-americano. Em 1969, na primeira edição do livro *La nueva novela hispanoamericana*, ao falar sobre a relação entre o intelectual e a Revolução Cubana, assim se referia o escritor mexicano Carlos Fuentes:

Presionado [...], sofocado el sueño de la “civilización moderna” por el encuentro del capitalismo norteamericano y las oligarquías criollas, el intelectual de América Latina sólo ve la perspectiva de la revolución. En las últimas décadas, y sobre todo a partir del triunfo y el ejemplo de la revolución cubana, la inteligencia de nuestros países se sitúa, mayoritariamente, en la izquierda. (FUENTES: 1969, p. 29)

Essa ligação íntima entre intelectual e revolução parece também ter sido, pelo menos, nos anos imediatamente posteriores a Revolução Cubana, o eixo norteador da vida de Julio Florêncio Cortázar, escritor argentino, nascido em Bruxelas no ano de 1914. Para Cortázar, a vitória da Revolução Cubana e os primeiros anos de governo não eram simples acontecimentos históricos ou políticos, mas “uma encarnação da causa do homem, como, por fim, ele chegara a conceber e a desejar” (CORTÁZAR, 1998, p. 22).

A partir do triunfo da Revolução Cubana, o escritor buscou uma filiação política cada vez mais pronunciada:

A vitória da revolução cubana, os primeiros anos de governo, já não eram uma simples satisfação histórica ou política; de súbito senti outra coisa, uma encarnação da causa do homem como por fim eu chegara a conceber e desejar. Entendi que o socialismo, que até então me parecera uma corrente histórica aceitável e até mesmo necessária, era a única corrente dos tempos modernos que baseava no fato humano essencial, no *ethos* tão elementar como ignorado pelas sociedades em que me cabia viver, no simples, no inconcebivelmente difícil e simples princípio de que a humanidade começará a merecer verdadeiramente este nome no dia em que a exploração do homem pelo homem houver cessado. (CORTÁZAR: 2001, p. 34)

Para o escritor argentino, a revolução representava o triunfo dos valores humanos, o fim da exploração do homem pelo homem. Esse “encantamento” criado a partir da revolução, entre intelectuais e o regime socialista cubano, seria responsável pela elaboração de textos belíssimos e apaixonados. Textos que, por construírem a revolução socialista como a solução para os problemas da América Latina, semearam pelo continente o sonho da utopia revolucionária.

Dessa relação entre os autores do *boom* e a causa cubana, surgiriam também textos em defesa do regime de Fidel Castro. Em 1975, em artigo publicado pela *Alternativa*, assim se referia García Márquez ao regime socialista na ilha:

A crua verdade, senhoras e senhores, é que na Cuba de hoje não há um só desempregado, nem uma criança sem escola, nem um só ser humano sem sapatos, sem moradia e sem suas três refeições por dia, não há mendigos nem analfabetos, nem ninguém que não disponha de assistência médica apropriada e gratuita, e remédios grátis e serviços hospitalares gratuitos em qualquer nível, nem há um só caso de malária, tétano, poliomielite e varíola, e não há prostituição, nem repressão policial, nem discriminação de qualquer natureza por qualquer motivo [...]. (GARCÍA MÁRQUEZ: 2006, p. 61)

O artigo intitulado “Cuba de cabo a rabo” relatava a experiência do autor numa viagem ao país. Mais do que um simples relato das seis semanas passadas em Cuba, o texto escrito por García Márquez é uma defesa apaixonada do socialismo cubano. Os acontecimentos políticos da ilha são a resposta para todos os problemas latino-americanos, a saída razoável e aceitável para o destino e futuro da América Latina. É a partir da revolução, segundo o escritor colombiano, que Cuba encontrou seu verdadeiro destino de país conscientemente latino-americano: “Antes do triunfo da Revolução,

Cuba era um país tão submisso aos gringos que o presidente Carlos Manuel de Céspedes pronunciou o seu discurso de posse em inglês” (GARCÍA MÁRQUEZ: 2006, p. 63).

Até mesmo Mario Vargas Llosa, que anos mais tarde seria conhecido pela sua filiação contrária e cada vez mais crítica em relação aos rumos da Revolução Cubana<sup>3</sup>, demonstraria seu apoio e admiração a Fidel. Escreve o literato em 1967:

Detesto beatice sob qualquer uma de suas formas, e a beatice política não me parece menos repulsiva do que a religiosa. Em que pese minha admiração pela Revolução Cubana, sempre achei deploráveis esses testemunhos reverenciais, hagiográficos, esses atos de fé disfarçados de crônicas ou reportagens que pretendem mostrar a Cuba de hoje como um modelo perfeito, sem nenhuma mácula, como uma realidade que o socialismo, magicamente, libertou de todas as deficiências e problemas, tornando-a impermeável à crítica. [...]

Há um aspecto, no entanto, em relação ao qual até mesmo o espírito mais doentamente crítico, contraditor por vocação e temperamento, se veria em sérias dificuldades se tivesse de atacar a política da revolução: justamente o da cultura. [...]

Cuba demonstrou que o socialismo não se contradiz com a liberdade de criação, que um escritor ou um pintor podem ser revolucionários sem escrever panfletos pedagógicos ou pintar murais didáticos, sem abdicar ou trair sua vocação. (VARGAS LLOSA: 2009, p. 99-100)

Até mesmo o desconfiado Vargas Llosa elogia as conquistas dos primeiros anos da revolução. No plano da cultura, Cuba, para o autor, é impecável. Sua admiração nasce da distância que a ilha guarda, pelo menos, inicialmente, da censura do regime soviético. A liberdade de criação é para Vargas Llosa um valor fundamental que a Revolução Cubana foi capaz de respeitar. Esse parece ser também o elemento de identificação de Cortázar, já que para o autor argentino texto literário e autor deveriam ser *testemunhas* de seu tempo, sem, no entanto, render-se ao pragmatismo do texto

---

<sup>3</sup> O rompimento definitivo de Vargas Llosa e a maior parte dos intelectuais latino-americanos em relação à Revolução Cubana ocorreria no ano de 1971. Nessa data, como nos lembra Rickley Leandro Marques, ocorreu o episódio que desencadeou a maior crise entre o governo cubano e os intelectuais desde o início da revolução de 1959: o chamado caso *Padilla*. O poeta Heberto Padilla era um dos mais conhecidos escritores cubanos da época e passou a ser publicamente repreendido após escrever o livro *Fuera del juego*, em 1968. Acusado de contra-revolucionário, Padilla foi preso. Esse episódio repercutiu internacionalmente e dividiu a opinião dos representantes da *Casa de las Américas*, pois a maioria dos intelectuais estrangeiros não aceitava o encarceramento do poeta e ameaçava romper relações com a instituição e com o governo cubano se ele mesmo não fosse libertado imediatamente. Cerca de oitenta intelectuais, que eram publicamente conhecidos como amigos de Cuba e colaboravam na divulgação e legitimação da revolução cubana, assinaram um manifesto de repúdio à prisão de Padilla por tratar-se de um método repressivo e por constranger a liberdade de expressão. O autor da versão divulgada dessa carta teria sido o escritor Mario Vargas Llosa, que também assina o documento. IN: MARQUES, Rickley Leandro. “O papel dos intelectuais na revolução cubana – o caso Padilla” IN: *Em tempo de História* – Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB, n.13, Brasília, 2008. p. 116.



doutrinário/panfletário e da participação política estritamente entendida no campo da política governamental e da guerrilha.

Obviamente, para os autores do *boom* hispano-americano a opção pela revolução não significava uma atuação no campo da luta armada. Eles atribuíram-se outros papéis diante das transformações propostas pelos acontecimentos de Cuba. Interpretando a revolução socialista como a grande causa latino-americana, sustentaram sua atividade como campo de atuação privilegiada para se falar da América ao mundo, mais do que isso, desvelar suas faces e problemas, numa espécie de justaposição entre responsabilidades literárias e políticas. Afinal de contas, é a partir de Cuba que muitos deles dizem descobrirem-se “latino-americanos”.

Foi a partir da Revolução Cubana que Cortázar manifestou interesse, desde Paris, pela realidade social e política da América Latina. Na carta dirigida a Roberto Fernández Retamar, escreve o intelectual argentino:

Preciso fazer um grande esforço para entender que, apesar destas peculiaridades, *sou* um intelectual latino-americano; e me apresso a dizer que, se até poucos anos atrás esta classificação despertava em mim o reflexo muscular consistente em erguer os ombros e até as orelhas, creio que os fatos cotidianos desta realidade que nos oprime [...] nos forcem a suspender os jogos, e sobretudo os jogos de palavras. [...] Fatos concretos me impulsionaram nos últimos cinco anos a reiniciar um contato pessoal com a América Latina, e este contato se deu por Cuba e de Cuba [...]. (CORTÁZAR, 2001, p. 30)

É interessante notar que os grandes expoentes do *boom* hispano-americano constroem a Revolução Cubana como o centro a partir do qual descobrem a América e o seu pertencimento a escala de intelectual latino-americano.

Para Carpentier, seguindo a lógica de Cortázar, a partir da Revolução Cubana, teriam terminado na América “os tempos de solidão” e começado “os tempos de solidariedade” (CARPENTIER: 1987, p. 41). Isso demonstra o argumento defendido de que a Revolução Cubana cria uma instância de diálogo e identificação no continente responsável pela elaboração de discursos específicos sobre a identidade e o papel do intelectual latino-americano.

Apesar da defesa aberta da utopia revolucionária que desperta Cuba nos primeiros anos, para os autores citados, o compromisso com a realidade material, histórica, não deveriam impor claudicações ou renúncias às pautas do ofício, mas, pelo

contrário, exigir uma clara consciência de que a profissão é um ato individual, mas também parte de um compromisso coletivo.

O final da década de 1960 e início dos anos 70 apresentam características específicas. Esses anos foram caracterizados por uma exigência: a fusão entre autor e obra, e pela dissolução da entidade intelectual, da distância entre pensamento e comportamento. Tratam-se dos anos que implantam também uma idéia dominante: “tudo é política”. Em seu texto *O intelectual e a política na América Hispânica*, escreve Cortázar:

[...] o nosso combate se transforma em combate moral [...] lutamos pela liberdade dos nossos povos e por uma justiça social que os devolva integralmente à sua condição de homens donos de seus destinos, como parte de uma comunidade e como indivíduos.

Creio que agora está claro que, para muitos intelectuais latino-americanos, o compromisso político é uma questão que faz parte de sua personalidade mental, moral e vital, e que, para eles, escrever livros não significa uma tarefa totalmente diferente da participação nas múltiplas formas de luta no plano político. (CORTÁZAR, 2001, p. 106)

Em uma primeira fase dos anos 60 e 70, a figura do intelectual comprometido abrigou a representação da própria prática específica como atividade política, em si mesma capaz de transformar a sociedade. Embaixo desse guarda-chuva se concebeu a tarefa de modernização estética, assegurando à doutrina do compromisso a possibilidade de concatenar o ideal crítico do intelectual com a tarefa do próprio campo do saber. O escritor – e também o artista – sentiram-se convocados como interventores do futuro e a própria matéria violentada em suas obras aparece como a prova de que algo transcendente, radicalmente distinto, estava por suceder. A associação entre movimentos vanguardistas e revolução é recorrente nas palavras dos próprios artistas. Assim, literatura e consciência política deveriam seguir um mesmo caminho.

[...] não mais acredito, como acreditei comodamente em outro tempo, que a literatura de mera criação imaginativa seja suficiente para sentir que me realizei como escritor [...]. A razão é simples, porque se alguma vez se pôde ser um grande escritor sem sentir-se partícipe do destino histórico imediato do homem, neste momento não se pode escrever sem esta participação, que é responsabilidade e obrigação, e somente as obras que as reflitam, mesmo que sejam de pura imaginação, mesmo que inventem a infinita gama lúdica de que são capazes o poeta e o romancista, mesmo que jamais indiquem diretamente esta participação, somente elas conterão de alguma indizível maneira o tremor, a presença, a atmosfera que as torna reconhecíveis e entranháveis, que desperta no leitor um sentimento de contato e proximidade. (CORTÁZAR: 2001, p. 38)

Em confluência com o que já foi discutido, segundo Costa, durante toda a década de 1960, a experiência revolucionária cubana teve influência marcante na politização e na ação intelectual dos autores do *boom* hispano-americano. Pela primeira vez, esses intelectuais assistiram ao processo de construção do socialismo em um país do continente. Eles viveram intensamente o engajamento intelectual ao tomar posição nos debates políticos dessa época e participaram significativamente das discussões em torno da revolução e do socialismo, produzindo discursos geradores de um polêmico debate, que se estendeu por quase toda a América Latina (COSTA: 2008, p. 298).

Como lembra Saúl Sosnowski (SOSNOWSKI: 2001, p. 18), se nos primeiros ensaios de Cortázar pode-se constatar um evidente interesse pela dimensão social, este é filtrado quase exclusivamente através da literatura. É a partir dela, e de regresso às suas páginas, que Cortázar formula os chamados à ação e postula a participação ativa dos escritores na sociedade.

[...] nada me parece mais revolucionário que enriquecer por todos os meios no âmbito do leitor de romances ou de contos a noção de realidade; e é neste ponto que a relação entre o intelectual e a política se torna apaixonada na América Latina, porque precisamente este continente proporciona a prova irrefutável de que o enriquecimento da realidade por meio dos produtos culturais teve e tem uma ação direta, um efeito claramente demonstrável na capacidade revolucionária dos povos. (CORTÁZAR: 2001. p. 112)

Para Cortázar, assim como para os outros expoentes do *boom* hispano-americano, o papel revolucionário da literatura estaria no enriquecimento do real. O texto literário seria responsável por criar uma sensibilização popular, uma conscientização cada vez maior diante do contexto histórico latino-americano. O escritor deixa claro que seu discurso é significativo para a sociedade e que sua missão, ou a missão de todos os intelectuais latino-americanos, seria a de alimentar o espírito revolucionário na sociedade da América Latina.

Seguindo essa mesma lógica de atuação, escreve Carpentier sobre o papel social do romancista latino-americano:

Dedicar-se a este mundo, a este pequeno mundo, a este enorme mundo, é a tarefa do romancista atual. Entender-se com ele, com esse povo combativo, criticá-lo, exaltá-lo, representá-lo, amá-lo, tentar compreendê-lo, tentar falar com ele, falar dele, mostrá-lo, mostrar seu íntimo, os erros, as grandezas e as misérias [...].

Essa é, na minha opinião, a função do romancista atual. Essa é sua função social. Não pode fazer muito mais, e isso já é o bastante. (CARPENTIER: 1987, p. 23)

As múltiplas entrevistas, declarações e intervenções em mesas-redondas tornam supérflua qualquer menção adicional ao que significou para esses autores a Revolução Cubana. A idéia da “revolução” aparece como o aspecto central da coesão existente entre os anos 60 e 70, que os coloca como uma entidade singular, uma época diferenciada de antes e depois pela percepção generalizada de estar vivendo uma troca radical e iminente em todas as instâncias da vida.

A revolução aparece como a matriz de todas as explicações e o pai de todas as leis. Como assinala Gilman, como matriz explicativa e afetiva a revolução transcendia a realidade e os limites da política e da estética. A revolução, tanto para o povo como para o escritor que lhe é fiel, era o fim de todos os exílios, o retorno magnífico ao país natal, o abandono de si, a saúde plena, o retorno a continuidade de si ao sol da história.

A valorização da política e a expectativa revolucionária são recorrentes em todo o período com flutuante e móvel intensidade. O intenso interesse pela política e a convicção de transformação radical, em todas as instâncias, era iminente. A percepção generalizada de uma transformação inevitável no universo das instituições, da subjetividade, da arte e da cultura aparece em grande parte dos textos de intelectuais do período. Eles traziam a convicção de que a história havia ingressado em uma etapa resolutiva, na qual a humanidade decidira confiar em sua vontade transformadora.

Não são poucos os escritores, artistas e intelectuais de esquerda em cuja obra aparece a preocupação sobre como pensar uma arte para a sociedade por vir, uma arte pós-revolucionária que fundisse vanguarda artística e vanguarda política. Carpentier, García Márquez, Fuentes, Vargas Llosa e Cortázar são apenas cinco dos muitos escritores do chamado *Real Maravilhoso* que, ainda em princípios da década de 1960, se perguntavam em como pensar a luta por uma arte nova nos umbrais de uma nova civilização.

### **Fontes primárias:**

CARPENTIER, Alejo. *A Literatura do Maravilhoso*. São Paulo: Vértice, 1987.

\_\_\_\_\_ *Literatura e consciência política na América Latina*.

\_\_\_\_\_ *Visão da América*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CORTÁZAR, Julio. *Obra crítica 1*. Saúl Yurkievich (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. *Obra crítica 3*. Saúl Sosnowski (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FUENTES, Carlos. *La nueva novela hispanoamericana*. México: Joaquín Mortiz, 1969.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Reportagens políticas*. Obra jornalística 4. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VARGAS LLOSA, Mario. *Dicionário amoroso da América Latina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

### **Bibliografia:**

ANSALDI, Waldo & FUNES, Patricia. “Viviendo una hora latinoamericana. Acerca de rupturas y continuidad en el pensamiento en los años veinte e sesenta”. Publicado originalmente em: *Cuadernos del CISH*, n. 5, Universidad Nacional de La Plata, La Plata (Argentina), segundo semestre de 2008, pp. 13-75.

CASTAÑEDA, Jorge. *Utopia desarmada: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHIAMPI, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

COSTA, Adriane A. Vidal. “Literatura e Política: O Livro de Maue de Julio Cortazar” In: *História Revista*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 295-313, jul./dez. 2008.

FAGUNDES, Marcelo Gonzalez Brasil. “Intenções literárias: Alejo Carpentier e a Revolução Cubana” IN: *Usos do passado – XII Encontro Regional de História ANPUH*, Rio de Janeiro, 2006.

FERNADES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

LUIS, William. *Lunes de Revolución: literatura y cultura en los primeros años de la Revolución Cubana*. Madri: Verbum, 2003.

MARQUES, Rickley Leandro. “O papel dos intelectuais na revolução cubana – o caso Padilla” IN: *Em tempo de História – Publicação do Programa de Pós-Graduação em História PPG-HIS/UnB*, n.13, Brasília, 2008.

MARTIN, Gerald. *Gabriel García Márquez: uma vida*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

MISKULIN, Silvia Cezar. “Cultura e política na Revolução Cubana: a importância de *Lunes de Revolución*” IN: *Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC*, 1998.

SIGAL, Silvia, *Intelectuales y poder en la década del sesenta*, Buenos Aires: Puntosur, 1991.

SOSNOWSKI, Saul. “La nueva novela hispanoamericana: ruptura y nueva traición” IN: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1995, 3v. 750p.